

Bragança de Miranda, José. 2023. Constelações — Ensaio sobre a cultura e técnica na contemporaneidade. Documenta.

LUÍS CLÁUDIO RIBEIRO

Universidade Lusófona, Portugal
luis.claudio.ribeiro@ulusofona.pt

Há, pelo menos, duas perspetivas sobre a técnica: a transformação da natureza num artificial que sirva o humano; e a técnica como um enigma natural que descola o humano da sua primeira natureza. Por vezes, ao ler e reler estes textos agora editados em livro, encontro o autor a circular entre estas duas perspetivas, não como um engano, mas como uma escolha de circulação e também um princípio de produção contra os ofícios passivos que desconstroem sem mexer nos objetos.

Como nos dizem muitos (incluindo Bragança de Miranda) a desconstrução da teatralização do real pode ter começado na linguagem, mas foi com a técnica que se tornou uma possibilidade para quase todos: o gesto de produção acessível.

Deste modo, o confronto com os problemas que se levantam ao pensar humano só pode ser realizado politicamente, mas, como nos diz o autor (13) assumindo-se esta ação em diferentes formas, da arte à escrita, e com urgência, já que a potência da natureza se sobrepõe ao tempo e à vida, isto é, ao acontecimento.

Estes tempos podem ser miscigenados com diferentes temas: a história, o corpo, a vida, a matéria e a arte.

Tomando, sobretudo, esta junção dos tempos com estes temas, Bragança de Miranda tem criado desde há muito, profundamente desde a Analítica da Atualidade (Vega 1994), um conjunto de esquemas-ensaio que nos permitem ler, através dos cinco temas atrás identificados, as relações da técnica e da tecnologia com o humano, a que chamou “constelações”, que são no pensamento de Miranda, padrões e formas, ainda que não estáticas, como algo que afeta outro objeto, com uma força motriz (magnética), que coloca este último sob a sua órbita e relação, o que significa, nessa relação efetiva, destituir o objeto de algumas das suas qualidades.

Então a “Constelação como Método” (título do 1º artigo, da 1ª parte) aborda as partes e as relações, e, nesta tarefa, o que ganha e perde o humano, sabendo da impossibilidade de uma «abordagem da totalidade» que sempre interessou ao sistema, até bem perto do nosso tempo, quando a imagem se tornou central no pensamento e nos vínculos criados entre fragmentos, reunindo pelo exterior o disperso, mas deixando à mostra, para uma possível perturbação e ensaio, os interstícios desses fragmentos: a sua «íntima fragilidade: a junção de matéria e imagem que adivinha uma certa potência» (44-45).

A passagem da linearidade ao esboço ou à mancha padrão é, no pensamento em constelação, um modo de não haver apenas visível e invisível, forma e matéria, mas protoformas que apontam, em linguagem ou outro artifício, para a sua realização. E esta realização (que é uma produção) é cada vez mais desemparelhada, já que o que é fragmentário se reúne em pontos diferentes, anulando a bipolaridade exaustiva que sempre tivemos nos grandes sistemas do pensar e do olhar.

O que é hoje próximo e distante? Pequeno e grande? Visível e invisível? A tecnologia enredou-se desde há muito (mesmo as tecnologias humanas para a comunicação, como a escrita) em desfazer estas dualidades ou, não conseguindo, colocá-las noutro eixo semântico (um problema bem contemporâneo na análise do acontecimento).

Dividido em duas partes, *Constelações e Refrações*, esta obra reúne um conjunto de ensaios não apenas em torno da essência da técnica ou de uma filosofia da técnica, mas sobretudo um conjunto de perspectivas sobre diferentes temas que apontam para um padrão que é um método flexível para pensar as relações do real com os objetos “que se acrescentam ao estado de coisas e o afectam” (55). A constelação corresponde assim, simultaneamente, a uma metodologia de trespassar do real, da sua pele, e, também, à sua desarticulação, possibilitando novas ligações. Isso significa que o conceito fundante é também sujeito a uma reformulação, i.e., ele torna-se uma protoforma que capta o real e que é circunstancial, dependendo do espaço e do tempo de atuação, i.e., da História.

Isso significa aqui, uma desarticulação das ideias e do mundo, que se voltam a reunir por linhas sucessivas projetando assim um número ilimitado de reuniões ou constelações que vão preenchendo esse espaço tornado, provisoriamente, vago ou em cesura, tornando-se a constelação um objeto do mundo, como outros que aí chegam ou se afastam da órbita comum: o todo é impenetrável. É assim que Bragança de Miranda começa o ensaio *O Duplo Movimento da Constelação*.

Nasce(u) assim no humano uma força que é de libertação: do símbolo e do que nele se reproduz, não esquecendo o que está sempre a chegar ou já chegou sem se assinalar. E a fotografia vem trazer, desde o seu nascimento, essa desvinculação do simbólico ou, pelo menos, enfraquecer a sua concretude, abrindo, pela técnica, novas perspectivas sobre a natureza e a História, ação que nunca mais parou até ao nosso tempo: entre a natureza e o humano surgem agora cada vez mais dispositivos a somarem-se ao dispositivo primordial da linguagem.

Para tal acontecimento, Bragança de Miranda encontra no padrão da constelação não um fechamento, mas um jogo lúcido atento à dignidade de todos os objetos e seres, enquanto potências de realização do que ainda é possível. E neste possível, refere o autor, está a reinvenção de novas formas de relacionamento com a distância e a proximidade, até que tudo isso *deixe de ter sentido* (175). A cultura telemática e a conquista do espaço, entre outros, aí nos conduzem, para além de novas formas artificiais de inteligência.

A obra acaba com dois textos sobre a arte e a tecnologia que funcionam como uma síntese final sobre a relação da técnica com a arte no contemporâneo: a arte saiu da esfera na natureza, passou pela esfera da cultura e está agora, no entender de Bragança de Miranda, a entrar na esfera da tecnologia, está mais próximo da natureza pela interatividade. Embora estranha, esta relação faz da arte a forma, e a técnica o operador dessa revolução (209).

Ficamos por aqui nesta leitura de uma obra extensa, densa e de hermenêutica segmentada. Tentamos sinalizar alguns pontos desde extenso manual de análise da atualidade. Espera-se que o tempo e uma leitura atenta produzam na arte e na crítica uma observação luminosa sobre a relação da natureza, do humano e da técnica, sem sobresaltos como propõe o autor: **o hoje é ainda passado.**

Nota biográfica

Luís Cláudio Ribeiro é Vice-Reitor para a Qualidade, Professor e Investigador da Universidade Lusófona. É doutorado em Ciências da Comunicação e desenvolve atividade de investigação na área da epistemologia dos media e do som. As suas publicações recentes centram-se na identificação e caracterização das mudanças pela utilização de mediadores sonoros na sociedade contemporânea: *O Mundo é uma Paisagem Devastada pela Harmonia* (Lisboa: Vega, 2011); *O Som Moderno — Novas formas de criação e escuta* (Lisboa: Edições Lusófonas, 2011 e 2022); *Fundamento e Imersão* (Edt.) (Lisboa: Orfeu Negro, 2019) e *A Experiência Sonora — da linearidade à circularidade* (editor e autor. Lisboa: Documenta, 2023). Além da atividade académica, é também poeta e romancista.

Declaração de conflito de interesses

O autor declara não haver potenciais conflitos de interesse em relação à investigação, autoria e/ou publicação deste artigo.

Para citar esta revisão

Ribeiro, Luís Cláudio. 2024. Recensão do Livro “Constelações — Ensaios sobre a cultura e técnica na contemporaneidade, de Bragança de Miranda. 2023. Documenta.” *Revista de Comunicação e Linguagens* (60-61): 342-345. <https://doi.org/10.34619/apqa-cpk4>.

Recebido Received: 2023-11-16**Aceite** Accepted: 2023-11-18

© Luís Cláudio Ribeiro. Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da licença Creative Commons Attribution 4.0 (<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>), que permite distribuir, remisturar, adaptar e desenvolver o material em qualquer meio ou formato, apenas para fins não comerciais e desde que seja atribuída a autoria.